



INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS
LICENCIATURA EM LETRAS/PORTUGUÊS E RESPECTIVA LITERATURA
MONOGRAFIA EM LITERATURA

Kelly Cardoso da Silva

A REPRESENTAÇÃO DA MULHER EM CONTOS DE CONCEIÇÃO EVARISTO E
PAULINA CHIZIANE: PERSPECTIVAS DE GÊNERO E MATERNIDADE

Brasília - DF

2014

KELLY CARDOSO DA SILVA

A REPRESENTAÇÃO DA MULHER EM CONTOS DE CONCEIÇÃO EVARISTO E
PAULINA CHIZIANE: PERSPECTIVAS DE GÊNERO E MATERNIDADE

Monografia apresentada ao Instituto de Letras- IL,
Departamento de Teoria Literária e Literaturas- TEL,
da Universidade de Brasília- UnB, como exigência
parcial para obtenção de grau em Licenciatura do
curso de Letras Português e Respectiva Literatura.

Orientadora: Profª Drª Ana Cláudia da Silva.

Brasília - DF

2014

DEDICATÓRIA

Dedico à minha mãe, Maria de Fátima da Silva Cardoso, mulher negra, mãe solteira, que me deu toda base, apoio, incentivo e, principalmente, amor por todos os anos de minha vida e durante minha trajetória na Universidade de Brasília- UnB. Mais do que ninguém, a senhora sabe o que significa para mim, para nós, mais essa conquista. Ontem, hoje e sempre dedicarei todas as minhas conquistas à você. Muito obrigada!

AGRADECIMENTOS

Profa. Dra. Ana Cláudia da Silva, por ter me incentivado a prosseguir em um momento de quase desistência. Pela paciência, disponibilidade e dedicação ao longo de toda orientação do trabalho. À minha irmã, Gisely Cardoso da Silva, que sempre me inspirou e me mostrou que era possível ingressar na Universidade de Brasília, e por ter me indicado o caminho para iniciar os estudos acerca das relações raciais no Brasil. Jorcelyna Cardoso Adão, tia, madrinha, agradeço por me acolher e ajudar sempre que precisei. Edileuza Penha de Souza que me acompanhou nos primeiros passos nos estudos das relações raciais, me fornecendo base e dividindo todo seu conhecimento comigo. Por ter acreditado em mim e por possibilitar experiências que hoje compõem minha identidade, fazem parte da minha carreira acadêmica e da minha vida. Foi com ela que aprendi a afirmar, de cabeça erguida, que sou uma mulher negra! Obrigada por tudo. À Esther Pinto Lima que me acompanhou e acompanha em todos os momentos, sejam esses os mais felizes ou os mais tristes. Obrigada por todo afeto, pela amizade. Mônica de Oliveira Souza que, pra mim, é um exemplo de determinação e me ensinou que não podemos desistir de nada na vida. Laine Natielly de Oliveira Souza, amiga desde sempre e para sempre. Obrigada por acreditar em mim. Yasmin Priscila de Andrade, exemplo de dedicação que até hoje me inspira a querer ir mais longe, mesmo que haja obstáculos. Daniel Silva Santos, amigo que me estimulou a estudar para ingressar na Universidade quando eu ainda estava terminando o segundo grau. Obrigada pelas aulas, livros, conversas, por todas as caronas e por me ajudar nessa trajetória antes e durante a graduação. Charlotte Emanuelle de Oliveira, amiga que me ensinou o que é confiança e que sempre acreditou que tudo daria certo. Cinthia Lorena Tolentino que em um momento difícil, ainda no segundo grau, me ajudou a concluir esta etapa. Obrigada por me ajudar em um momento que reflete, hoje, nessa conquista. Agradeço também à todas as pessoas que, de alguma maneira, contribuíram para este momento: Liliana Cavalcante, Cátia Paiva, Rosivania Pereira, Clever Carvalho. À todas e todos, muito obrigada!

*"Uma gota de leite me escorre entre os seios.
Uma mancha de sangue me enfeita entre as
pernas. Meia palavra mordida me foge da boca.
Vagos desejos insinuam esperanças. Eu-
mulher em rios vermelhos inauguro a vida. Em
baixa voz violentos os tímpanos do mundo.
Antevejo. Antecipo. Antes-vivo. Antes- agora- o
que há de vir. Eu fêmea- matriz. Eu- força
motriz. Eu- mulher abrigo da semente. Moto
contínuo do mundo."*

(Conceição Evaristo)

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de analisar a representação literária da relação entre mulheres negras e maternidade. Nosso *corpus* é composto por dois contos de escritoras negras: “Saura Amarantino”, da brasileira Conceição Evaristo (2011) e “As cicatrizes do amor”, da moçambicana Paulina Chiziane (2000). Presidiu a escolha dos contos o fato de que em ambos há situações de enredo similares: a gravidez fora do casamento, a não aceitação da filha grávida por parte do pai, a maternidade, o abandono ou o desejo de abandonar as recém-nascidas, a confissão. Nos dois contos, a situação de desamparo da mulher fica agravada pela ausência do companheiro; suas filhas nascem longe dos olhos paternos. A condição da mulher negra nas sociedades brasileira e moçambicana também é objeto deste estudo, na medida em que se estabelecem laços de solidariedade entre as personagens femininas dos contos, que se ajudam no rompimento com o padrão de comportamento pré-determinado socialmente para a mulher.

Palavras-chave: Personagens femininas; Maternidade; Literatura afro-brasileira; Literatura moçambicana; Paulina Chiziane; Conceição Evaristo.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. CAPÍTULO I- As Cicatrizes do Amor.....	12
3. CAPÍTULO II- Saura Amarantino	19
4. CAPÍTULO III- Mulheres, meninas, mães, amantes	27
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
6. BIBLIOGRAFIAS	44

INTRODUÇÃO

Com a ficção, a arte e a escrita, é importante que, ainda que você esteja trabalhando em áreas da fantasia completamente diferentes, haja ali uma ressonância emocional. É importante que uma história soe real a nível humano, mesmo que nunca tenha acontecido.

(Alan Moore)

A escrita negra feminina, os valores sociais em diferentes países, a representação da mulher negra na literatura e na sociedade são elementos que compõem e abarcam ideologias e estéticas. Analisar a representação literária da relação entre mulheres negras e maternidade, em contos que integram o macrossistema das literaturas de língua portuguesa, corresponde a uma análise social, estética e literária. Para isso, o *corpus* desse trabalho se refere a dois contos de escritoras negras, a saber: “Saura Amarantino”, da brasileira Conceição Evaristo (2011) e “As cicatrizes do amor”, da escritora moçambicana Paulina Chiziane (2000).

O estudo literário comparado, baseado nas relações de solidariedade entre os países de língua portuguesa, de acordo com Benjamin Abdala Junior (2003), que propõe a constituição de um macrossistema de literaturas de língua portuguesa que abarque as diversas atualizações, em diferentes sistemas nacionais, de modelos literários que circulam desde a Idade Média entre os povos de língua portuguesa.

As representações literárias da mulher negra, a "solidariedade feminina", a paternidade e, determinadas estruturas sociais presentes no Brasil e em Moçambique, também fazem parte da análise que configura este trabalho. A escolha do *corpus* se deu por acreditar na possibilidade de aproximações e distanciamentos que podem existir em obras de duas escritoras negras de países diferentes. Além disso, as personagens principais, Maria, do conto da escritora Paulina Chiziane, e Saura Amarantino, de Conceição Evaristo, são duas mulheres que exemplificam como são estabelecidas as relações de gênero e o papel socialmente determinado para a mulher.

Serão abordadas questões referentes, especificamente, às mulheres negras, pois, ambas as escritoras são negras, sendo uma afro-brasileira e outra moçambicana. Os referenciais teóricos utilizados fazem relação, em sua maioria, às condições das

mulheres negras brasileiras, porém, a partir da análise do conto de Paulina Chiziane, existem aspectos que se assemelham e que, no cenário literário, podem apresentar uma leitura aproximada com a realidade presente no Brasil.

Os enredos dos contos se aproximam em diversos aspectos, como, por exemplo, a "confissão". Em ambas as obras as personagens principais relatam suas histórias e, por vezes, mencionam a palavra confissão ao fazer referência ao que será relatado. Outro aspecto relevante a ser mencionado está na presença da memória¹, que aparece na condução dos relatos das histórias e que está diretamente ligada à rememoração e, por vezes, a uma (re)vivência.

As duas histórias presentes nos contos e aqui trabalhadas são relatadas oralmente. Maria e Saura Amarantino contam suas trajetórias em meio a uma conversa. O elemento oralidade é bastante comum em sociedades africanas em que as histórias não eram escritas e sim relatadas oralmente. Uma cultura em que os mais velhos são "narradores orais" chamados de *griots*². Essas alusões são feitas a fim de demonstrar como distintas sociedades podem ser pensadas a partir de variadas perspectivas, o que é proporcionado pela leitura literária. Ao mesmo tempo em que fatores presentes no contexto social, cultura e moral brasileiro podem ser aludidos ao desenvolvimento da história de Paulina Chiziane, o contrário também acontece.

¹ A memória individual ou coletiva é sempre uma memória social e, por isso, é seletiva, composta de rememorações e esquecimentos (POLLACK, 1989) e se apoia em elementos da vida de uma pessoa ou do(s) grupo(s) a que ela pertence. Os grupos discriminados ou subalternos são portadores de memórias "subterrâneas" que devem ser registradas com procedimentos adequados. No caso da trajetória da população negra, marcada pela oralidade e por poucos registros escritos, a memória coletiva é fundamental para a continuidade das coletividades tanto rurais quanto urbanas (SECAD/MEC, 2006, p. 220).

² Segundo o historiador africano Amadou Hampaté Bâ, há várias categorias de *griots* (palavra francesa, para aqueles chamados de *dieli*, em bambara, língua da África Ocidental): narradores orais, músicos e/ou cantores. Os *griots* não são os únicos tradicionalistas, mas podem tornar-se, se for a sua vocação: "É fácil ver como os griots genealogistas, especializados em histórias de famílias, geralmente dotados de memória prodigiosa, tornaram-se naturalmente, por assim dizer, os arquivistas da sociedade africana e, ocasionalmente, grandes historiadores, mas é importante lembrarmos que eles não são os únicos a possuir tal conhecimento. Os *griots* histotiadores, a rigor, podem ser chamados de "tradicionalistas", mas com a ressalva de que se trata de um ramo puramente histórico da tradição a qual possui muitos outros ramos" (1980, p. 206) (SECAD/MEC, 2006, p. 219).

Isso não significa afirmar que as relações aqui apresentadas são concretas e invariáveis, porém, a pesquisa em literatura comparada proporciona uma leitura ampliada, o que não se restringe ao enredo das obras analisadas, mas se configura, também, nas práticas sociais que podem ser aproximadas de maneira didática, a fim de enriquecer o trabalho comparativo com elementos que estruturam as duas obras, desde as trajetórias de vida das escritoras, até os conteúdos dos contos apresentados.

A escrita negra feminina, no que se refere às escritoras aqui trabalhadas, representa um aspecto interessante presente na literatura, pois, além das vozes femininas que produziram as obras, também temos as vozes femininas das personagens principais que narram suas próprias histórias. Nesse sentido, o discurso feminino na literatura constitui um veículo de comunicação que abarca em seu conteúdo representações da mulher, o que proporciona diversas interpretações acerca das relações sociais, além das diferenças social e culturalmente construídas entre homem e mulher. Susana Funck afirma que:

A diferença é aprendida e tratada como imperativa e essencial. É a forma pela qual ela afeta nossos modelos de conhecimento e de relacionamento, com vantagens para alguns e desvantagens para outros. E é por essa razão que temos necessidade de entender o discurso, a linguagem em uso, não como um sistema transparente e de significação do mundo, mas como o próprio instrumento de sua construção, pois o processo pelo qual adquirimos conhecimento é discursivo (FUNCK, 2011, p. 69).

A linguagem e o discurso literário são instrumentos que transmitem aspectos culturais e sociais. Podemos dizer que os sujeitos socialmente, ideologicamente e historicamente construídos estão inseridos em obras literárias. Entretanto, existe também uma perspectiva de reconstrução dos papéis sociais previamente estabelecidos. "A mulher_ (...) subsidia uma importante mudança na instituição da literatura, seja pela alteração do cânone, por meio do resgate, seja pela ampliação das possibilidades interpretativas do texto literário" (FUNCK, 2011, p. 72).

Os textos literários aqui analisados possibilitam outras leituras acerca da mulher³ e do papel social por ela desenvolvido em sociedades patriarcais e machistas, como Moçambique e Brasil. As relações da mulher com a maternidade estão diretamente relacionadas às construções que afirmam que à mulher foram destinados os papéis de mãe e dona de casa. As questões biológicas também se inserem nesse contexto, e é possível perceber o destino social da mulher quando Geneviève Faé e Cecil Jeanine Albert Zinani afirmam que:

Muito embora a figura feminina tenha ingressado no ambiente profissional, casamento e maternidade ainda constituem aspectos significativos no cumprimento do destino social, uma vez que são exigências culturais, arraigadas na tradição, e de relevante conteúdo emocional. Quando a mulher não cumpre esse "destino social", surge o sentimento de fracasso na vida (FAÉ; ZINANI, 2011, p. 213).

As *cicatrices do amor* (2000) e *Saura Amarantino* (2011) são obras que apresentam aspectos que rompem, de certa forma, com o "destino social da mulher", uma vez que o abandono é um dos elementos mais significativos que compõe as obras. Logo, não assumir a maternidade constitui um não cumprimento do papel da mulher, seja ele uma construção social ou um "destino" biologicamente sustentado.

³ Uma mulher é um ser humano concreto, entendido culturalmente como feminino em certo momento ou lugar, e que precisa negociar suas experiências dentro de construções discursivas que podem ou não comprometer seu completo desenvolvimento como indivíduo (FUNCK, 2011, p.71).

CAPÍTULO

I

As Cicatrizes do Amor

Sinto que a maior contribuição virá no dia em que conseguir lançar, na terra fértil, a semente da coragem e da vontade de vencer nos corações das mulheres que pertencem à geração do sofrimento.

(CHIZIANE, 2013, p. 205)

Paulina Chiziane, mulher negra, nasceu em Manjacaze, Moçambique, em 4 de junho de 1955. É a autora do primeiro romance de uma mulher moçambicana, *Baladas de amor ao vento* (1990). Além disso, militou durante a juventude na FRELIMO-Frente de Libertação de Moçambique. A relação entre a realidade de mulher negra moçambicana e a vontade de escrever, de acordo com Paulina Chiziane, exercem influência na criação de suas personagens. Segundo a escritora, em sua etnia, Tsonga, “[...] à mulher negra não são permitidos sonhos nem desejos. A única carreira que lhe é destinada é casar e ter filhos.” (CHIZIANE, 2013, p. 201). É possível entender, a partir da fala da escritora, a necessidade de relatar a opressão vivida por ela e por outras mulheres que compartilham o mesmo contexto social falocêntrico, em que a superioridade masculina se traduz na própria organização da família e da comunidade.

A escritora apresenta em suas obras literárias, também, a realidade da mulher moçambicana. Em depoimento cedido à *Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF*, a autora afirma que “[...] os problemas da mulher surgem desde o princípio da vida, de acordo com as diversas mitologias sobre a criação do mundo [...]” (CHIZIANE, 2013, p. 1999). É possível extrair de suas palavras uma necessidade de descrever as opressões vividas pelas mulheres negras, não como uma forma de vitimização, e sim na tentativa de lutar por uma interdependência e complementariedade da mulher com o mundo masculinizado. Nesse sentido, Paulina Chiziane utiliza a escrita para ressoar a voz de várias mulheres moçambicanas que estão ou estiveram em situações semelhantes às de suas personagens.

O conto “As cicatrizes do amor” é um relato que se passa em dois níveis narrativos. No primeiro, a narradora testemunha encontra-se num campo de deslocados (local para onde são levadas as pessoas cujas moradias foram destruídas em razão de catástrofes naturais ou, como é o caso de Moçambique, guerras civis), na ilha da Inhaca, na caserna de Maria, bebendo, junto a outras pessoas: “Quem entra na caserna de Maria, bebe alegrias e esquece o resto.” (CHIZIANE, 2000, p. 361). No local, um “paraíso de miséria”, a disposição das pessoas segue a ordem social patriarcal: “Diabos me levem se não estou bem nesta rodada de mulheres sentadas na areia e os homens nas cadeiras.” (CHIZIANE, 2000, p. 361). É possível perceber como são situadas as relações entre homens e mulheres, pautadas em hierarquias que estabelecem diferentes valores sociais relacionados ao regime patriarcal. Paulina Chiziane diz que “[...] nós, mulheres, somos oprimidas pela condição humana do nosso sexo, pelo meio social, pelas ideias fatalistas que regem as áreas mais conservadoras da sociedade.” (CHIZIANE, 2013, p. 200).

Nesse espaço ideologicamente marcado, na roda de pessoas que conversam e bebem, alguém destaca uma notícia de um jornal velho, sobre duas crianças que haviam sido abandonadas pela mãe. O anúncio produz nos ouvintes um julgamento ferino: “As mulheres estão doidas.” (CHIZIANE, 2000, p. 362), diz um; outro aponta que isso é um efeito do PRE: “Se os pais comprarem leite para os meninos, não sobra nada para os copos.” (ibid., p. 362) Vale lembrar que o Programa de Reestruturação Econômica - PRE - de Moçambique foi implantado pela Frente para a Libertação de Moçambique - FRELIMO - no qual o governo deixou de prover bens aos cidadãos: “o governo moçambicano depois de um acordo com o FMI e com o BM introduziu um Programa de Reabilitação Econômica.” (ABREU, 1999, p. 4).

No conto *As cicatrizes do amor* (ibid.), além de apresentar características de uma sociedade patriarcal, a autora traz à tona a voz de uma mulher. Maria - personagem protagonista, filha de família tradicional e também mãe - confessa, em meio a uma roda de conversa, o crime que quase cometeu na busca por sobrevivência, após ser abandonada pelo homem que amava e ser expulsa da casa quinze dias depois do nascimento de sua filha. Todo o sofrimento pelo qual Maria passou deixou

cicatrices, que podem ser relacionadas a valores sociais presentes na sociedade moçambicana.

Já no próprio título, temos marcada a presença da cicatriz. Segundo Antônio Houaiss, a palavra “cicatriz” tem, na língua portuguesa, os seguintes significados:

- 1- tecido fibroso que se forma ao longo do *processo* de cicatrização e que *substitui* os tecidos normais lesados ou seccionados, geralmente deixando uma marca;
- 2- neoformação de tecido em certos órgãos que *recompõe* a área lesada pela queda natural ou extirpação de outros órgãos ou partes vegetais; escara;
- 3- qualquer *vestígio visível* e relativamente *duradouro* que revela *dano* ou destruição por calamidade da natureza, guerra etc.;
- 4- sentimento duradouro deixado por um grande *sofrimento moral*, por um abalo psíquico etc. (HOUAISS, 2012, grifo nosso).

Parece-nos evidente que o quarto sentido apontado no dicionário é o que melhor se aplica ao texto que vimos discutindo. Os demais sentidos, porém, também iluminam nossa compreensão da palavra central do título, ampliando as possibilidades de interpretação do texto literário. Na primeira acepção, sublinhamos a palavra “processo”, que nos remete à ideia de início, meio e fim, em que os resultados deixam marcas (cicatrices). A protagonista do conto relata uma experiência amarga, um processo de dor e superação vivido no passado, que lhe deixou vestígios na alma. Estes vestígios têm como característica a visibilidade (conforme a terceira acepção); no caso de Maria, ficaram escondidos durante muito tempo, guardados em segredo, até o momento do relato, que se configura como uma revelação. Maria traz à luz suas cicatrizes interiores; a narração substitui e ressignifica, assim, o processo doloroso de seu passado - Maria opera, pela palavra, a "recomposição" da vida (como na segunda acepção da palavra cicatriz).

Outra característica da cicatriz é ser “duradoura” (terceira acepção); o adjetivo faz referência à continuidade não apenas da cicatriz, mas dos sentimentos relacionados a ela. “Dano”, por sua vez, revela os prejuízos que se somaram ao longo do tempo, desde os acontecimentos relatados. O substantivo “sofrimento”, por fim,

indica um sentimento - neste caso, um “sofrimento moral”, isto é, uma dor que atinge a alma de quem sofre.

O desenrolar da história se dá, então, a partir da seguinte notícia de um jornal: “– veja isso compadre. Duas crianças abandonadas pelas mães(...) – alguém as deitou fora. As mulheres estão doidas.” (CHIZIANE, 2000, p. 362). Em meio ao comentário que surgiu através dessa notícia e das características atribuídas às mulheres na sociedade moçambicana, é possível enxergar a (o) pressão vivida por elas, uma vez que a responsabilidade por uma criança é dever tanto dos pais quanto das mães, mas está, por vezes, unicamente relacionada ao papel feminino. O que fica nítido quando os homens culpabilizam somente as mulheres pelo abandono das crianças.

As relações de poder social, ideológicas e tradicionais limitam a “função” social das mulheres. “Se os pais comprarem o leite para os meninos, não sobra nada para os copos. Não há dúvida, A maldade grassa nos dias que passam.” (CHIZIANE, 2000, p. 362). Dessa maneira, elas são as únicas responsáveis pela segurança e integridade das crianças, cumprindo o dever de mulher e mãe. Qualquer outra forma de existir que ultrapasse esse limite acarreta preconceitos e julgamentos, o que compromete, inclusive, a unidade física e moral dessas mulheres, desconsiderando, assim, todos os agentes e instituições sociais, a partir de uma perspectiva que abarca juízo de valor e inferioriza as mulheres, uma vez que as mazelas do mundo, neste contexto, estão relacionadas a elas.

Essas relações podem ser confirmadas quando, no conto, em meio à roda de conversa acerca da notícia do jornal velho, uma mulher diz que “a maldade nasceu antes da humanidade. A culpa cabe às mães, mas é de toda a sociedade” (CHIZIANE, 2000, p. 362). Um homem, por sua vez, retruca e diz: “não fuja da verdade comadre, que a culpa está com as mulheres. O que dizes é suruma⁴ da bebedeira, estás embriagada, sim.” (CHIZIANE, 2000, p. 362). O trecho representa a condição da mulher em relação ao que está sendo discutido após a leitura da notícia do jornal e,

⁴ "Substantivo feminino. m.q. maconha ('droga'). Africanismo: Sinonímia e Variantes- seruma; soruma." (HOUAISS, 2012). "Droga" ou "efeito de embriaguez" (Tradução nossa).

além disso, é possível depreender que, no contexto dessa sociedade, tentativas de desconstruir determinado tipo de preconceito, pode ser visto como falta de sanidade⁵.

Maria então inicia o relato do “crime” que pensou em cometer na juventude, o abandono. Mas, antes de dar prosseguimento a sua narrativa, afirma que “(...) cada nascimento tem uma história e cada ação, uma razão.” (ibid., p. 362). Pensando ainda nas razões das ações, Maria Inês de Moraes Marreco (2011), em seu ensaio: *Conceição Evaristo e Paulina Chiziane: A circularidade da vitimização da mulher*, afirma que “[na] revelação do preconceito e as consequências de seus aspectos negativos, a mulher é sempre responsabilizada, mesmo quando seus erros poderiam ter respaldo no desespero.” (MARRECO, 2011, p. 6).

Após ser expulsa de casa com uma criança de apenas quinze dias para criar, Maria começa uma longa caminhada por vários dias e várias noites, o que podemos relacionar com as primeiras cicatrizes que surgem a partir desse amor⁶ que deixa marcas, feridas que, se tocadas, podem sangrar como se fossem recentes; nas palavras da personagem é um “amor amargura, amor escravatura, que transtorna, que enfeitiça, fazendo do amante a sombra do amado.” (CHIZIANE, 2000, p. 362).

Após dias de caminhada, a criança, que já apresentava sinais de fraqueza, pára de chorar e aparenta estar ainda mais fraca. Isso faz com que Maria pense que a filha está morta, e chega até a se questionar como será sua vida sozinha, o que traz à tona outra cicatriz desse amor materno, que está presente no trecho: “ventre meu, abre-te, quero devolver este ser à sua origem.” (CHIZIANE, 2000, p. 364). Talvez, dessa maneira, a personagem diminuísse a dor da outra perda, já que o pai da criança, sua família, amigos e amigas a abandonaram. Dessa forma, caso a criança pudesse retornar ao ventre da mãe, não seria mais um abandono, e sim um retorno à origem,

⁵ "Substantivo feminino (sXIII). Qualidade ou virtude do que é são. 1- normalidade, estabilidade, equilíbrio físico ou mental. 2- conjunto de normas que conduzem ao bem-estar e à saúde; higiene; salubridade." (HOUAISS, 2012).

⁶ "Substantivo masculino (1275). 1- forma de interação psicológica ou psicobiológica entre pessoas, seja por afinidade de imanente, seja por formalidade social. 2- atração afetiva ou física que, devida a certa afinidade, que um ser manifesta por outro. 2.1- forte afeição por outra pessoa, nascida de laços de consanguinidade ou de relações sociais. 2.2- atração baseada no desejo sexual; afeição e ternura sentida por amantes. 3- força agregadora e protetora que sentem os membros dos grupos, familiares ou não, entre si." (HOUAISS, 2012).

que diminuiria o sofrimento dessa mãe que não sabe o que fazer com a criança. Retornar para o ventre representaria a devolução (recomposição) da vida à criança que já estava com sinais de fraqueza.

O desespero de Maria demonstra uma cicatriz ainda mais profunda, pois revela uma incapacidade de transformar esse corpo aparentemente morto em um feto ainda no ventre de uma mulher/mãe. “Mas onde reside o poder dos homens, se nem as parcelas do próprio corpo obedecem ao seu comando.” (CHIZIANE, 2000, p. 364). Maria passa então a procurar um lugar para se "libertar" da criança, que ela chama de “meu fardo” (ibid., p. 364). Ao encontrar uma moita a qual poderia transformar, no “cemitério” de sua filha, aparece outra cicatriz, o que podemos notar no seguinte trecho: “mergulhei na moita, paraíso ilícito. Os amantes também lá estavam, protegendo os abraços dos olhares indiscretos, e eu nem os vi, empenhada que estava na minha tarefa secreta.” (ibid., p. 365). Ao efetivar a tarefa, um casal que espiava tudo, ao ver a cena, lança gritos de denúncia contra essa mulher que acabara de enterrar uma criança viva. Essa poderia ser considerada a cicatriz da vergonha, do medo, devido às consequências dos atos dessa mãe que abandona a filha e vai contra todas as regras de conduta moral.

A partir do relato de Maria, várias são as possibilidades de leitura. Uma delas está relacionada ao fato de sua caminhada ter como destino o encontro com seu amado, o pai de sua filha, que a deixou e foi para outra cidade, Johannesburg, em busca de trabalho. E, no momento em que a personagem o encontra, diz que conheceu a verdadeira felicidade ao lado de seu marido.

Como uma pena voando ao vento, balancei de poiso em poiso, contornando vilas, cidades, até alcançar o objeto de minha aventura: o meu homem! (...) Conheci a verdadeira felicidade ao lado do meu marido. (CHIZIANE, 2000, p. 366).

Além disso, podemos depreender diferentes cicatrizes do amor, seja ele materno ou fruto de uma relação afetiva entre um homem e uma mulher, neste conto, especificamente. E ainda, dentro das relações de gênero, podemos enxergar quais os papéis sociais do homem e da mulher na sociedade moçambicana. Neste caso, os diferentes pesos para o abandono materno e paterno cria uma relação de culpa

(responsabilidade) e poder (lugar de privilégio), o que não está limitado a Moçambique, mas se amplia e aplica a outras sociedades. Isso pode ser observado em um trecho do conto em que a narradora diz que os relatos da personagem são “[...] retalhos da vida, revolteando as entranhas de quem as escuta. Atenção! O que aqui se conta, está a acontecer agora.” (CHIZIANE, 2000, p. 394).

CAPÍTULO

II

Saura Amarantino

Quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvencilho de um “corpo-mulher-negra em vivência” e que por ser esse “o meu corpo, e não outro”, vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta.

(EVARISTO, 2009, p. 18)

Conceição Evaristo, escritora, poetisa, militante, é Mestre em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense. Escritora afro-brasileira, Evaristo utiliza a escrita para expressar sua subjetividade enquanto mulher negra que vive na sociedade brasileira. Entre suas publicações estão: *Ponciá Vicêncio* (2003); *Becos da Memória* (2006); *Insubmissas Lágrimas de Mulher* (2011). Evaristo também tem participação nos *Cadernos Negros*, que consiste em uma obra com a presença de diferentes poetisas e poetas negros, como forma de resistência cultural e fonte bibliográfica. Além disso, Conceição Evaristo tem participações nacionais e internacionais em eventos sobre Literatura e Mulheres Negras.

No ensaio *Literatura negra: uma poética da nossa afro-brasilidade*, publicado pela *Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e do Centro de Estudos Luso-afro-brasileiros da PUC de Minas*, a escritora diz que:

Nomear o que seria literatura afro-brasileira e quais seriam os seus produtores é uma questão que tem suscitado reflexões diversas. Há muito, um grupo representativo de escritores(as) afro-brasileiros(as), assim como algumas vozes críticas acadêmicas, vêm afirmando a existência de um *corpus* literários específico na Literatura Brasileira. Esse *corpus* se constituiria como uma produção escrita marcada por uma subjetividade construída, experimentada, vivenciada a partir da condição de homens negros e mulheres negras na sociedade brasileira (EVARISTO, 2009, p. 17).

Conceição Evaristo, escritora afro-brasileira, traz, em sua escrita, uma relação da literatura com a sua subjetividade de mulher negra. No mesmo ensaio acima citado, a escritora faz a seguinte afirmação:

a sociedade que me cerca, com as perversidades do racismo e do sexismo que enfrento desde criança, somada ao pertencimento a uma determinada classe social, na qual nasci e cresci, e na qual ainda hoje vivem os meus familiares e a grande maioria negra, certamente influenciou e influi em minha subjetividade. (EVARISTO, 2009, p. 18).

Ao fazer essa afirmação, é possível perceber que Conceição Evaristo não desvencilha a sua realidade de mulher negra da sua escrita literária. Por um lado, existe a representação do gênero feminino, e por outro a relação de raça⁷, restando ainda à diferença de classes sociais. A autora menciona, também, o sexismo⁸. A partir dessa linha de raciocínio, ao pensarmos em uma escrita negra feminina, é certo que os elementos raça, gênero e literatura estarão presentes nas palavras de Conceição Evaristo.

No conto *Saura Amarantino (2011)*, Evaristo utiliza a voz de Saura, personagem principal que narra sua história enquanto mulher, filha e mãe. A relação da mulher que conta sua própria história representa uma importante marca no conto e na sociedade brasileira, uma vez que esta é baseada em muitos aspectos estruturais, a exemplo, o machismo⁹. No tocante à vozes negras e femininas, é importante mencionar que essas mulheres, ainda hoje, não são ouvidas sempre em primeira pessoa, e sim uma história contada por outras vozes.

⁷ "As ciências sociais, reconhecendo as desigualdades que se estabelecem e se reproduzem com base no fenótipo das pessoas, especialmente em países que escravizaram africanos(as), concordam com a manutenção do termo raça como uma construção social que abrange essas diferenças e os significados a elas atribuídos, que estão na base do racismo. A noção de "raça" para o Movimento Negro não está pautada na biologia. O que se denomina raça codifica um olhar político para a história do negro no mundo" (SECAD/MEC, 2006, p. 222).

⁸ "Discriminação ou tratamento desigual a um determinado gênero, ou ainda a determinada identidade sexual" (SECAD/MEC, 2006, p. 222).

⁹ "O machismo constitui um sistema de *representações-dominação* que utiliza o argumento do sexo, mistificando assim as relações entre os homens e as mulheres, reduzindo-os a sexos hierarquizados, divididos em polo dominante e polo dominado que se confirmam mutuamente numa situação de objeto" (DRUMONT, 1980, p. 82).

Saura Amarantino, personagem principal, é uma mulher, mãe de duas filhas e um filho. Ela começa o relato de sua história afirmando que fará dos ouvidos de outra mulher o seu confessionário, mas, sem exigir segredo (EVARISTO, 2011, p. 99). O início da história se dá com um comentário de Saura sobre o amor:

dizem que, do amor de mãe, nada sei. Engano de todos. Do amor de mãe, sei. Sei não só da acolhida de filhos, que uma mãe é capaz, mas também do desprezo que ela pode oferecer. Confesso. Dos três filhos que tive, duas meninas e um menino, meu coração abrigou somente dois. (EVARISTO, 2011, p. 99).

A personagem faz referência da sua história com uma confissão, o que remete à ideia de remissão dos pecados, segundo o catolicismo. Entretanto, Saura não exige segredo e não tem vergonha do que fez, quando diz, para a outra mulher, no início da conversa: "De seus ouvidos, moça, faço meu confessionário, mas não exijo segredo. Pode escrever e me apontar na rua, como personagem de uma história antes minha e, agora, também sua" (EVARISTO, 2001, p. 99). Conceição Evaristo traz ainda no título da obra - *Insubmissas lágrimas de mulheres* -, uma palavra que abarca um significado importante para a relação de Saura com a sua história. "Insubmisso", segundo Antônio Houaiss, tem como definição: [...] substantivo masculino [...] que ou aquele que não se submete, não se sujeita; insubordinado, independente, rebelde" (HOUAISS, 2012).

A partir desta definição, podemos enfatizar a relação do nome da obra com a presença do nome e sobrenome da personagem principal como título do conto, o que aparece em todos os contos presentes no livro, em que os títulos são sempre nomes de mulheres. Essa pode ser considerada uma forma de afirmar a individualidade, subjetividade, e valorizar experiências femininas narradas pelas próprias mulheres. O livro intitulado *Mulheres Negras na primeira pessoa*, organizado por Jurema Werneck; Nilza Iraci e Simone Cruz apresentam, ainda na introdução, a seguinte afirmação: "[...] ser mulher, negra, indígena, lésbica, pobre, migrante, é viver de diferentes modos às assimetrias de gênero e raça que caracterizam a sociedade organizada sob as regras do racismo patriarcal." (WERNECK, 2012, p. 13).

Insubmissas lágrimas de mulheres e *Saura Amarantino* representam essa voz de mulher sendo narrado em primeira pessoa, o que confronta com padrões pré-

estabelecidos, afirma e (re)significa a existência dessa mulher que, de acordo com a definição de Antônio Houaiss e da afirmação de Jurema Werneck, não se submete, não se sujeita e é rebelde ao confrontar os padrões sociais e morais. Além de relatar a sua história em primeira pessoa.

Saura Amarantino teve sua primeira filha, Idália, aos dezesseis anos de idade. O pai, seu primeiro namorado, também era ainda muito jovem. A personagem relata que na época, estar grávida significava obrigação de casar. Porém, o jovem casal decide pela fuga do pai da criança, o que Saura chama de "libertação", quando diz: "libertei o pai menino para uma fuga, que só nós dois sabíamos." (EVARISTO, 2011, p. 100). Nesse sentido, a partir da fala de Saura, é interessante pensar que estar grávida faz referência a uma espécie de prisão, que, neste caso, apenas o pai terá direito à liberdade.

Uma possível cumplicidade feminina é percebida quando, após a fuga, o pai de Saura deseja expulsar a menina de casa, porém, a mãe não deixa. "como colocar, na rua, uma menina de dezesseis anos, grávida, sozinha, quando o sem-vergonha do namoradinho dela havia fugido?" (EVARISTO, 2011, p. 100). Ficou decidido, então, que após o nascimento da criança, as duas deveriam partir. No entanto, Saura não se sente ameaçada. "Não me incomodei com a ameaça. Eu tinha certeza de que ele me deixaria ficar em casa até o momento que eu quisesse e assim aconteceu." (EVARISTO, 2011, p. 100). Então, Idália nasce e cresce rodeada de amor da mãe e dos avós maternos.

A segunda gravidez da personagem, anos depois, veio quando Saura já estava casada. Idália não tinha o registro de um pai e, quando Maurino nasceu, o pai, Amarantino, registrou também Idália, que tinha cinco anos de idade. Após onze anos de casamento Amarantino morre e deixa um espaço vago na vida da família.

O vazio deixado pela morte de Amarantino pesa ainda sobre nós. Da ausência dele, padeci e padeço até hoje, embora ninguém acredite. O fato de eu ter tido um namoro rápido com um colega dos meus tempos de juventude despertou uma série de julgamentos contra mim. (EVARISTO, 2011, p. 101).

Após a morte de Amarantino e do namoro rápido com o colega de juventude, o corpo de Saura começa a apontar a terceira gravidez. Novamente o pai julga a atitude da filha. "Meu pai (...) lembrando de quando engravidei pela primeira vez, ainda menina (...) me cobrou o pudor que eu deveria ter por ser uma mulher viúva. E deixou de falar comigo (...)" (EVARISTO, 2011, p. 101). Outra vez, quem acolhe Saura é sua mãe. "(...) minha mãe me surpreendeu ao enfrentar meu pai. Em uma das discussões, em altos brados, ela desafiou o velho, dizendo que, se o corpo do homem pede o da mulher também (...)" (EVARISTO, 2011, p.101).

A partir da fala da mãe de Saura, algumas leituras referentes às relações de gênero se tornam possíveis. Além do contexto relacionado ao papel da mulher na sociedade brasileira e as diferenças entre feminino e masculino também se fazem presentes, tanto no que diz respeito à prática sexual quanto à prática social. Essas leituras são possíveis ao passo que, na sociedade brasileira, as relações entre homens e mulheres são estabelecidas, também, através do poder. Seja esse em relação ao corpo ou à aspectos políticos, históricos e sociais. Nesse sentido, segundo Shirley de Souza Gomes Carreira (2011),

O poder constitui uma relação assimétrica que institui a autoridade e a obediência, ou seja, consiste em um conjunto de práticas sociais e discursos construídos historicamente que disciplinam o corpo e a mente de indivíduos e grupos. Através de seus aparelhos ideológicos, da cultura, das crenças e tradições, do sistema educacional, das leis civis, da divisão sexual e social do trabalho, a sociedade constrói mulheres e homens como sujeitos bipolares, opostos e assimétricos, envolvidos em uma relação de domínio e subjugação. (CARREIRA, 2011, p.339).

Um registro importante presente no relato de Saura está na ausência de nomes para o primeiro namorado e o colega dos tempos de juventude. O único a ter a "identidade revelada" foi Amarantino, com quem casou e deu a ela e aos únicos dois filhos que afirma ter, o sobrenome. A filha caçula também não tem o nome revelado durante a narrativa, o que pode representar, também, um aspecto da rejeição dessa filha. No que se refere ao pai da criança que Saura esperava, pela terceira vez, este, acompanhou feliz toda a gestação. Foi a primeira filha dele.

A personagem não esconde o desgosto pela espera dessa criança. (...) “foi uma gravidez que se intrometeu na lembrança mais significativa que eu queria guardar. A imagem da última dança do corpo de Amarantino sobre mim, pouco antes dele adoecer.” (EVARISTO, 2011, p. 102). Na realidade, a filha que Saura estava esperando representava a personificação de um ato que não deveria existir na memória, tampouco em forma de matéria viva.

A enjeitada gravidez comprovava que outro corpo havia dançado sobre o meu, rasurando uma imagem que, até aquele momento, me parecia tão nítida. E, desde então, odiei aquela criança que eu guardava em mim (...). E, quando a menina nasceu, mais um desgosto me esperava. Ela não saía com uma só marca de nossa família. Sinal algum denunciava que ela era minha filha. A parecença dela era toda da família paterna. (EVARISTO, 2011, p. 102).

O significado que esta criança tinha para a mãe a fez referir-se à própria filha com ódio¹⁰. O que, de acordo com os padrões sociais estabelecidos no contexto brasileiro, gera julgamentos imersos em juízo de valor, e remete à ideia de confissão expressa pela personagem no início do conto. De acordo com a moral social, uma mãe não deve odiar seus filhos ou filhas, e Saura salienta o ódio pela criança sem remorso¹¹, o que também faz parte da moral e dos costumes presentes em grande parte das sociedades. “Já me perguntaram se eu não tenho remorso em relação a essa criança que desprezei. Não. Não tenho.” (EVARISTO, 2011, p. 104).

A personagem decide, então, entregar a filha para o pai, o que acarreta em outros julgamentos sobre a postura desta mãe que além de odiar a filha, vai abandoná-la, entregá-la para o pai. Porém, inicialmente, o pai de Idália fugiu da responsabilidade de pai, o que Saura deseja fazer agora, em um contexto diferenciado. Neste caso, ela quer fugir da lembrança indesejada que a criança representa.

¹⁰ "Substantivo masculino (sXIV). 1- aversão ger. motivada por medo, raiva ou injúria sofrida; odiosidade. 2- profunda aversão a algo. 3 p. met. a pessoa ou coisa odiada." (HOUAISS, 2012).

¹¹ "Substantivo masculino (1679). Sentimento de culpa e arrependimento causado pela consciência de haver praticado más ações; remordimento." (HOUAISS, 2012).

A decisão de entregar a filha desagradou à mãe de Saura que sugeriu ficar com a criança, mas, não conseguiu. "O que minha mãe não entendia é que eu queria aquela criança longe de mim. Eu não sentia nada por ela, aliás, sentia sim, raiva, muita raiva." (EVARISTO, 2011, p. 103). Ódio, raiva e rejeição são as palavras que Saura utiliza quando se refere à filha que teve e que não foi bem recebida. "Ninguém entendia que eu odiava aquela menina. No ato de amamentá-la, eu sempre desejava que o meu leite fosse um mortal veneno." (EVARISTO, 2011, p. 103). Seu pai, diferentemente da mãe, fica satisfeito com a decisão de entregar a menina. (...) "meu pai se emocionou quando soube da minha decisão de entregar a menina para a família paterna." (EVARISTO, 2011, p.103).

Após três meses, Saura entrega a criança para o pai e, aos poucos, começa a esquecer das lembranças e do rosto da menina. Teria sido essa a maneira mais prática que ela encontrou para tentar apagar da memória o fato de ter tido relações sexuais com outro homem após a morte de Amarantino. A lembrança em forma de gente passa então a não fazer parte da vida de Saura, o que, talvez, possa ter reavivado em sua memória o último momento que teve com seu marido antes dele adoecer e falecer.

Passados dez anos, a menina vai para a cidade de Saura com o pai, a passeio. Mas, a personagem principal decide por não ver a filha que rejeitou e ainda diz que a família paterna tecia comentários em relação a toda essa história. "Diz que eles se rejubilavam pelo fato de a menina ter sido repudiada por mim. Assim, ela não precisava ter contato algum com a sua família negra." (EVARISTO, 2011, p.104). Esse é o momento no conto em que a raça da personagem é revelada, e podemos perceber, neste momento, marcas do racismo¹² presente na sociedade.

Conceição Evaristo aborda a questão racial de uma forma que se manifesta muitas vezes na sociedade brasileira, por meio de um discurso carregado de preconceito, mas que, para grande parte da população, não se configura em racismo.

¹² Remete a um conjunto de teorias, crenças e práticas que estabelece uma hierarquia entre as raças, consideradas como fenômenos biológicos (MUNANGA, 2004). Doutrina ou sistema político fundado sobre o direito de uma raça (considerada pura ou superior) de dominar outras; preconceito extremado contra indivíduos pertencentes a uma raça ou etnia diferente, geralmente considerada inferior; atitude de hostilidade em relação à determinada categoria de pessoas. (SECAD/MEC, 2006, p.222).

Uma justificativa para essa negação do racismo na sociedade brasileira está na presença do mito da democracia racial¹³.

O desfecho do conto se dá com o relato de um passeio que Saura está fazendo em uma pracinha com sua neta, Dorvie, filha de Idália. Anteriormente à descrição do passeio que faz, a personagem fala pela última vez, ao relatar sua história, de seu posicionamento em relação à criança que rejeitou. Diz: "Não sou sem sentimentos, só porque não amei aquela criança" (EVARISTO, 2011, p.104).

A subjetividade de Conceição Evaristo faz-se presente, no decorrer do conto, de diferentes maneiras, tanto ao apresentar a voz de uma mulher, quanto por essa mulher ser negra. "[...] a experiência das pessoas negras ou afro-descendentes [pode] instituir um modo próprio de produzir e de conceber um texto literário, com todas as suas implicações estéticas e ideológicas." (EVARISTO, 2009, p. 17).

¹³ "Corrente ideológica que pretende negar a desigualdade racial entre brancos e negros no Brasil como fruto do racismo, afirmando que existe entres estes dois grupos raciais uma situação de igualdade de oportunidade e de tratamento. Esse mito pretende, de um lado, negar a discriminação racial contra os negros no Brasil, e, de outro lado, perpetuar estereótipos, preconceitos e discriminações construídos sobre este grupo racial." (GOMES, 2005, p. 57).

CAPÍTULO

III

Mulheres, meninas, mães, amantes

Comparo a mulher a terra porque lá é o centro da vida. Da mulher emana a força mágica da criação. Ela é abrigo no período da gestação. É alimento no princípio de todas as vidas. Ela é prazer, calor, conforto de todos os seres humanos e de todas as vidas.

(CHIZIANE, 2013, p. 199)

Conceição Evaristo e Paulina Chiziane são duas mulheres negras que escrevem e abordam em suas obras subjetividades em forma literária. Ambas as escritoras retratam a representação da mulher, cada uma em um país diferente, Brasil e Moçambique, mas, com semelhanças físicas e morais, ou até mesmo com aproximações e distanciamentos dentro de uma mesma perspectiva, a maternidade, apresentada nos contos *As Cicatrizes do amor*, de Paulina Chiziane (2007) e *Saura Amarantino*, de Conceição Evaristo (2011).

As personagens Maria, de Chiziane, e Saura, de Evaristo, são duas mulheres que enfrentam a maternidade ainda na adolescência. Cada uma dessas personagens encara essa etapa de uma forma, assim como as famílias e os pais das crianças também exercem funções significantes nas obras, o que constitui representações imersas em ideologias, costumes, imposições sociais e morais. Além disso, a representação social também faz parte da trajetória destas duas jovens mães.

1. O enredo

Nos dois contos temos as narrações em primeira pessoa das protagonistas emolduradas por uma narrativa primeira, também feita por personagens femininas que testemunham os relatos secundários. São mulheres colhendo a experiência de outras mulheres e estabelecendo com estas uma relação de empatia, mais explícita no conto

de Chiziane, em que a narradora do primeiro nível narrativo se emociona, comenta e julga o relato de Maria:

E tu bailas, Maria, o streep-tease das batucadas da tua amargura, que a embriaguez revolveu-te a língua. Desatas o lenço e a capulana. Da blusa já levantada, espreitam os seios surrados de mil beijos, desfraldas as cortinas dos teus segredos, és indecente, Maria! (CHIZIANE, 2000, p. 364).

O foco narrativo, por vezes, passa para a segunda pessoa do singular, como no trecho acima. Isso ocorre nos momentos em que a narradora do primeiro nível narrativo tece comentários carregados de juízos de valor a respeito da história narrada por Maria. Ser indecente, no caso, significa faltar à conformidade com os padrões sociais; Maria traz a público o que deveria ser resguardado no âmbito particular.

Entendemos que a atitude de Maria é motivada não pelo excesso de álcool ingerido, mas pela indignação perante o julgamento apressado que se fez de todas as mulheres - como “doidas” - a partir da notícia de jornal. Maria quer combater, com o seu depoimento, o preconceito que vitimiza as mulheres nas sociedades africanas patriarcais e machistas. O documento “Orientações e ações para a educação das relações étnico-raciais” publicado pelo Ministério da Educação em parceria com a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (2006, p. 221) define preconceito como: “[...] uma opinião que se emite antecipadamente, a partir de informações acerca de pessoas, grupos e sociedades, em geral infundadas ou baseadas em estereótipos, que se transformam em julgamento prévio, negativo.”

Quando, portanto, se diz que uma mãe abandonara as crianças, o que fala primeiro é a ideia pré-concebida de que é função da mãe amar seu filho ou filha e que qualquer sentimento contrário deve ser reprimido: “O que vocês não sabem, disse Maria - é que cada nascimento tem uma história e cada ação, uma razão.” (CHIZIANE, 2000, p. 362).

No conto de Evaristo, o preconceito também atinge Saura Amarantino, que comenta:

Sobre o que falam de mim, nunca afirmei que sim, mas nunca neguei também. Dizem que, do amor de mãe, nada sei. Engano de todos. Do amor de mãe, sei. Sei não só da acolhida de filhos, que uma mãe é capaz, mas também do desprezo que ela pode oferecer. "Confesso." (EVARISTO, 2011, p. 99).

Diferentemente da narradora do relato de primeiro nível do conto de Paulina Chiziane, no conto de Conceição Evaristo esta narradora de primeira instância recebe o relato de Saura, mas não a julga, nem a interrompe; tampouco retoma a palavra ao final da narrativa, que termina com as palavras de Saura a contar do gesto generoso da neta que oferece seu saquinho de pipocas, ainda cheio, a um menino que derrubara o dele. "Dorvie veio me seguindo e, sem que eu pedisse ou falasse nada, ela adivinhou a urgência do momento [...] minha neta ofereceu o saquinho de pipocas dela, ainda cheio, ao menino." (EVARISTO, 2011, p. 105).

Em contraposição ao que acontece com Maria, o final da história de Saura se dá de forma positiva e tranquila, sem culpa ou remorso por toda confissão feita ao longo do relato. O último comentário feito por Saura em relação aos julgamentos que são feitos em relação a ela e ao abandono da filha que não quis amar está no trecho em que a personagem diz: "Só eu sei do meu sentir e da comoção que em mim brota, tantas e tantas vezes, em outras ocasiões. Só eu sei de minhas emoções." (EVARISTO, 2011, p. 104).

Após essa afirmação, Saura finaliza sua história com um belíssimo relato de um passeio no parque com sua neta. "Dorvie, minha neta, filha de Idália, e eu, com novos saquinhos de pipocas, caminhamos também." (EVARISTO, 2001, p.104). No final do conto de Evaristo, a personagem principal ainda fala das comoções e emoções que sente. Saura não se considera uma pessoa sem sentimento por não amar a última filha que teve. "Não sou sem sentimentos, só porque não amei aquela criança." (EVARISTO, 2011, p. 105). E, ainda nesse relato dos sentimentos que vivencia, ao iniciar o desfecho de sua história, Saura inicia o relato do passeio com sua neta, Dorvie, e diz: "E, por falar em comoção, ontem, no final da tarde, assisti a uma cena que está, ainda agora, a chorar dentro de mim." (EVARISTO, 2001, p.104).

Saura escreve sua história como quem constrói uma narrativa e a quer perfeita: corta de sua vida a filha, que não é sequer contada entre os (as) filhos (as) que gerou, como quem corta um texto para dar-lhe melhor forma. "Dos três filhos que tive, duas meninas e um menino, meu coração abrigou somente dois. [...] a filha caçula sobrou dentro de mim. Nunca consegui gostar dela." (EVARISTO, 2011, p. 99).

O final do conto de Chiziane, por sua vez, apresenta um desfecho tempestuoso em que a história de Maria parece não ter, ainda, sido concretizada e finalizada. "No coração da noite haverá tempestade." (CHIZIANE, 2011, p. 367).

Essa afirmação aparece logo após a filha de Maria presenciar todo o relato da história de sua mãe, que também é dela. "- Mãe era capaz de jogar-me na fossa, a mim? - Perdoe-me, querida. Eu não queria dizer nada. Apenas gostaria que os seres humanos tivessem mais humanidade, amor e fraternidade." (CHIZIANE, 2011, p. 367). Esse desfecho pode apresentar o início de uma nova história, pois, a partir deste momento, o que antes era do conhecimento apenas de Maria, passa a fazer parte da história de outras pessoas, incluindo a criança, agora crescida, que foi enterrada viva e gerou diferentes cicatrizes em uma mulher/mãe que, após anos passados, revela tudo o que aconteceu.

Em ambos os relatos temos duas mães que abandonam as filhas recém-nascidas: Saura entrega a filha caçula à família do pai; Maria abandona no mato a filha doente e semimorta. No conto de Chiziane, o relato da protagonista se dá em meio a uma comunidade; no de Evaristo, não há essa inserção social do relato; parece uma narrativa privada. Quanto às famílias das protagonistas, temos as seguintes diferenças: Maria é expulsa da casa do pai quinze dias após dar à luz a filha; a outra mulher da família, sua mãe, nada pode contra a ordem paterna, nem consegue defender a filha. Saura, por sua vez, permanece na casa dos pais enquanto desejou.

Em ambos os casos, temos mães adolescentes que assumem suas filhas; Saura o faz perante a família; Maria o faz perante o mundo. Saura permanece na casa dos pais após o nascimento da filha, mesmo a contragosto de seu pai, enquanto Maria

acata a ordem do pai e abandona a casa, levando consigo a filha por uma jornada cheia de amor, perigo, medo, frio, fome e abandono.

No conto de Chiziane, a filha outrora enjeitada se encontra entre os ouvintes da história e é surpreendida com a revelação de que sua mãe pensara em largá-la numa fossa, abandonando à própria sorte o corpo da filha que julgava morta. No conto de Evaristo, a criança enjeitada não comparece, nem se relaciona mais com a mãe após a transferência para a casa do pai. "Depois que ela cresceu, passados dez anos, ela veio à cidade com o pai, a passeio. Eles moravam fora daqui. E mandaram me perguntar se eu queria ver a menina. Eu não quis e nem sei se alguém daqui de casa foi." (EVARISTO, 2001, p. 104).

Ao final da narrativa de Maria, a narradora do primeiro nível narrativo retoma a palavra e descreve, na natureza, o aproximar-se de uma tempestade; a natureza entra em convulsão pelo relato de Maria:

Na caserna de Maria há uma mulher que chora, e os soluços sincronizam com a makwayela das palmeiras. Os corvos em revoada grasnam agouros, as nuvens já abalaram e o sol voltou a abrasar. As águas do Índico balançam com mais força sob o domínio do vento sul. No coração da noite haverá tempestade. (CHIZIANE, 2000, p. 367).

Podemos entender que as nuvens que formavam um véu sobre o segredo de Maria se dissiparam, isto é, sua verdade veio à luz como num doloroso parto - o sol volta, portanto, a abrasar os corações e o impacto da revelação pode provocar novas tempestades - alusão, entendemos, à reação da filha diante da confissão materna. Em seguida, a narradora anuncia que a noite trará tempestade. O conto, pois, começa com uma palavra "maldita" - "Diabos me levem se não estou bem nessa rodada de mulheres [...]" (ibid., p. 361) - e termina com outra palavra de sentido negativado: tempestade. O vir de uma tempestade "no coração da noite" pede prudência e resguardo, justamente o contrário do que se passara no coração da personagem, que se desnuda enquanto conta sua história.

2. As personagens

Em ambos os contos o protagonismo cabe a mulheres, mães, negras. Apesar dessa identidade, as atitudes de cada uma ao abandonar (ou quase) as filhas são completamente diversas. De Maria, não se sabe ao certo se ela considerava morta a menina que lhe ia nos braços, ou se, em sua consciência, abandonara no mato uma criança doente. Qualquer que seja a opção, essa atitude é relembrada anos depois com mágoa e arrependimento. Maria chega a desculpar-se com a filha pelo ato cometido no passado. "Perdoe-me, querida. Eu não queria dizer nada." (CHIZIANE, 2000, p. 367).

Saura, ao contrário, não sente nenhum remorso por ter entregado a filha aos cuidados do pai. Seus motivos lhe bastam, e consistem em preservar a memória dos compromissos da vida de casada e a "fidelidade" ao marido morto. Além da indiferença de Saura em relação a filha abandonada, a personagem relata essa história sem se preocupar com a repercussão que pode gerar.

As duas personagens são mãe adolescentes que, após anos, relatam fatos ocorridos durante as gestações. As duas histórias narradas pelas personagens principais envolvem as famílias e, de certa forma, a sociedade. Os comentários, comportamentos, desejos, atitudes, medos, ideais e demais elementos que envolvem as histórias estão diretamente relacionados às instituições sociais às quais Maria e Saura estão inseridas.

Maria sente vergonha do crime que quase cometeu e isso fica evidente no decorrer na narrativa. Essa vergonha está intimamente relacionada aos aspectos sociais, morais e ideológicos, ou seja, não são sentimentos isolados e/ou desvinculados do convívio e contexto social. Saura, ao contrário de Maria, não sente vergonha ou remorso pelo ato cometido, o que provoca um embate com as normas de conduta morais previamente estabelecidas. Dessa forma, o contexto social não está dissociado de Saura, está, na realidade, provocando um contraste com aquilo que se espera de uma mulher/mãe - o cuidado, amor, dedicação- afeto e criação das crianças

geradas. Ou seja, um rompimento com toda uma estrutura arraigada. Segundo Shirley Carreira,

a literatura provou ser, assim, um mecanismo de empoderamento, pois possibilitou às mulheres vencer as barreiras do discurso do patriarcado; barreiras que só começaram a ser dissolvidas com a consciência de que o masculino e feminino são construções discursivas dentro da cultura. Ao buscar o seu lugar no mundo das palavras, a mulher se reinventa e transgride um discurso misógino que a representava e descrevia *in absentia*. (CARREIRA, 2006, p. 340).

Nessa perspectiva, Saura pode ser considerada uma personagem que rompe com padrões de conduta social e moral no momento em que relata toda a sua história sem se preocupar com a repercussão que pode ter. Sendo assim, de acordo com Shirley Carreira, a literatura proporciona esse rompimento, essas novas leituras. Por mais de os comportamentos de Saura estejam em desacordo com a moral e os papéis sociais estabelecidos, a personagem não se intimida ou sequer se envergonha do que fez. Essa pode ser considerada uma forma de empoderamento, não pelo fato propriamente ocorrido, mais pela forma como lida com toda a situação.

3. A maternidade

A relação da maternidade presente em Conceição Evaristo e Paulina Chiziane se apresenta de forma similar em alguns aspectos e também diferente em outros. Em ambos os contos as personagens ficam grávidas ainda na adolescência e não se casam com os pais das crianças, o que confronta com a estrutura social presente no Brasil (contexto de escrita do conto Saura Amarantino) e em Moçambique (contexto de escrita do conto Cicatrizes do Amor).

A questão da mulher-mãe não está restrita ao papel das personagens principais, mais se estende às mães destas personagens. Saura, por exemplo, tem a cumplicidade de sua mãe no momento em que seu pai ameaça colocá-la para fora de casa.

Meu pai, na ocasião, quis me expulsar de casa, mas minha mãe impediu. Como colocar, na rua, uma menina de dezesseis anos,

grávida, sozinha, quando o sem-vergonha do namoradinho dela havia fugido? Diante da defesa dela, meu pai amoleceu e me deixou ficar (...) (EVARISTO, 2011, p. 100).

Saura tem a defesa da mãe que a ajuda a permanecer na casa dos pais, o que acontece duas vezes no decorrer da história da personagem, na primeira e na terceira gestações.

[meu pai] deixou de falar comigo quando a terceira gravidez já me acusava no corpo, que começava a se arredondar. Minha mãe me acolheu mais uma vez. Como abandonar uma filha tão sem sorte que perdera o marido para a morte e que, em um momento de fraqueza qualquer, se deixara envolver com um ex-colega de infância? E, mais uma vez minha mãe me surpreendeu ao enfrontes meu pai (EVARISTO, 2011, p. 101).

A mãe de Saura não apenas defende sua filha, mas também enfrenta o marido, pai de Saura. Essa atitude confronta uma estrutura social pautada no machismo. "Em uma das discussões, em altos brados, ela desafiou o velho, dizendo que, se o corpo do homem pede, o da mulher também, principalmente de uma mulher jovem." (EVARISTO, 2011, p. 101). Suely Carneiro, em seu artigo *Enegrecer o feminismo* afirma que :

Em geral, a unidade na luta das mulheres em nossas sociedades não depende apenas da nossa capacidade de superar as desigualdades geradas pela história hegemônica masculina, mas exige, também, a superação de ideologias complementares desse sistema de opressão (...) (CARNEIRO, 2003).

Não podemos falar de um posicionamento feminista consciente por parte da atitude da mãe de Saura, porém, a partir do trecho acima citado é possível perceber a existência de um dominador (pai de Saura que quer abandonar a filha grávida duas vezes), de uma dominada (Saura, que não tem voz ativa em uma sociedade machista e patriarcal) e ainda a presença da mãe da personagem principal (que confronta uma estrutura moral ao afirmar que o corpo feminino também tem necessidades, assim como o corpo masculino). Neste caso, a mãe de Saura inicia uma tentativa de

"superação" de uma ideologia que confronta com os desejos do corpo da mulher e do homem, mesmo que essa seja uma intervenção no âmbito doméstico.

A maternidade referente à Maria se distancia dessa mesma presença na história de Saura. A mãe de Maria sequer é citada ao longo de seu relato, sendo assim, não há interferência desta no momento em que o pai de Maria decide por expulsá-la de casa. O que pode inferir é que, a mãe de Maria, estava de acordo com a expulsão de sua filha, já que após quinze dias do nascimento, Maria vai embora de casa. A semelhança presente nos dois contos está no ato de Maria e de Saura "abandonarem" suas filhas.

O abandono que Maria pensa em cometer se dá por acreditar que sua filha está morta.

O que será de mim, sozinha, num país estranho, com uma criança morta nos braços? Ventre meu, abre-te, quero devolver este ser a sua origem. Apelo de desespero (...) meus olhos inquietos procuravam uma lixeira, uma vala, uma corrente de água, esgotos, para desfazer-me do meu fardo. (CHIZIANE, 2000, p. 364).

Neste caso, é um ato de desespero e a personagem afirma sentir amor pela criança, embora estivesse prestes a cometer o crime do abando, que está presente desde o início do conto. "Na minha juventude cometi o mesmo crime, ou melhor, ia cometê-lo. Tudo por causa desse amor amargura, amor escravatura, que transtorna, que enfeitiça, fazendo do amante a sombra do amado." (CHIZIANE, 2000, p. 362). Maria, ao abandonar sua filha, por alguns instantes, continua a falar de amor. " Adeus fruto do prazer e dor; amor de fervor, adeus!" (CHIZIANE, 2000, p. 365). No que se refere à história desta personagem, Paulina Chiziane traz o amor desde o título do conto até as linhas que compõem a história e a fala de Maria.

Saura Amarantino tem outra relação com o abando de sua terceira filha, que é a única a não ter seu nome revelado durante a confissão. Saura rejeita a criança ainda no período de gravidez. "Eu não sentia nada por ela, aliás, sentia sim, raiva, muita raiva. Queria esquecer a filha que eu não havia concebido, nem antes e muito menos nos momentos após o parto." (EVARISTO, 2011, p. 103). Após o nascimento da

menina, seu desejo era não apenas de abandoná-la, mas chegou a desejar, também, a morte do bebê recém-nascido. "Ninguém entendia que eu odiava aquela menina. No ato de amamentá-la, eu sempre desejava que o meu leite fosse um mortal veneno. Minha mãe parecia adivinhar os meus desejos e observava os descuidos voluntários que eu tinha para com o bebê" (EVARISTO, 2011, p. 103).

O abandono de Saura se dá no âmbito íntimo e sentimental. É um abandono que diz respeito a uma mãe que se recusa amar a criança que gerou e dá à ela apenas o desprezo. "Do amor de mãe, sei. Sei não só da acolhida de filhos, que uma mãe é capaz, mas também do desprezo que ela pode oferecer (...). A filha caçula sobrou dentro de mim. Nunca consegui gostar dela." (EVARISTO, 2011, p. 99). Neste conto, o abandono não se configura como no caso de Maria, que deixa o corpo da filha, mais sentimentalmente aquela criança tem significado positivo, de amor. Saura, por sua vez, entrega a filha para o pai e o abandono se manifesta por meio de sentimentos negativos em relação à criança que gerou.

4. A paternidade

Nos dois contos apresentados temos a ausência paterna antes mesmo do nascimento das crianças. No momento em que as famílias de Saura e de Maria tomam conhecimento da gravidez, os pais das filhas que as duas personagens esperam, as deixam. Os pais das personagens principais decidem pela expulsão dessas meninas-mães de casa, pois, uma gravidez ainda na adolescência simboliza uma fuga aos padrões sociais estabelecidos e acarretam julgamentos morais, não apenas para as jovens gestantes, mas para toda a família, pois, representa, uma forma de desgosto.

No relato de Maria a personagem afirma:

Lembro-me da noite sem lua, quando debaixo do cajueiro disse sim, ao homem dos meus sonhos. O régulo de Matutuíne, meu pai, disse não a esse, pobre, sem gado para lobolar a filha do rei. Ao meu homem ultrajado não restou outra alternativa senão procurar o lenitivo das mágoas do outro lado da fronteira, em Johannesburg, deixando-me o ventre semeado. (CHIZIANE, 2000, p. 363).

Na história de Maria, o pai de sua filha vai embora e seu pai a expulsa de casa. "Quinze dias depois do nascimento da criança, o meu pai disse: fora desta casa." (CHIZIANE, 2000, p. 363). Temos, então, o "abandono" paterno tanto pelo pai da filha de Maria, quanto pelo seu próprio pai, o que, no decorrer da história, não tem peso ou julgamento moral, pois, a sociedade patriarcal e o contexto dos contos analisados, não permite o abandono materno, porém, no caso dos homens, essa relação com as crianças geradas e o abandono, não é vista como "crime", somente as mulheres são "condenadas" a diferentes tipos de julgamentos morais pelos atos do abandono.

Saura Amarantino se assemelha e se diferencia de Maria. Saura diz que "libertou" o pai de sua filha porque, no tempo em que engravidou, ainda com dezesseis anos, estar grávida significava casamento e, para que isso não acontecesse, combinou com o pai da criança uma fuga.

Minha família ia me casar, eu ia obedecer, embora não fosse esse o meu desejo. Entre a obediência que eu devia ao meu pai e à minha mãe e a cumplicidade que eu tinha com esse primeiro namorado, a convivência entre nós dois venceu. Um dia, conversando no momento de nossas brincadeiras de trançamento de pernas e prazer, ficou decidido, entre nós, que ele fugiria. E assim aconteceu durante uma madrugada [...] libertei o pai menino para a fuga, que só nós dois sabíamos [...] (EVARISTO, 2011, p. 100).

O pai de Saura, após esse ato de "rebeldia" da filha, deseja expulsá-la de casa. "Meu pai, na ocasião, quis me expulsar de casa, mas minha mãe impediu." (EVARISTO, 2001, p. 100). A diferença entre Maria e Saura está no abandono pelos seus pais. Maria é expulsa de casa após quinze dias do nascimento de sua filha, seu pai diz que vai expulsá-la e cumpre com o que diz. No caso de Saura, seu pai diz que vai colocá-la para fora de casa após a criança crescer um pouco, porém, não cumpre com o dito. "Logo depois que a criança nascesse, assim que ela crescesse um pouco, eu deveria partir. Não me incomodei com a ameaça. Eu tinha certeza de que ele me deixaria continuar em casa até o momento que eu quisesse e assim aconteceu." (EVARISTO, 2011, p. 100).

Maria vive uma trajetória solitária a caminho de Johannesburg, com uma criança recém-nascida, enquanto Saura e sua filha permanecem na casa de seus pais.

Os relatos da personagem de Chiziane fazem referência a uma única gravidez. Evaristo traz, por meio de sua personagem principal, o relato das três gestações que teve, o que já abarca diferenças entre as personagens.

A segunda gravidez de Saura surge após estar casada com Amarantino. "Na segunda gravidez, eu já estava casada com um sujeito pobre, mas decente, como diziam meus pais." (EVARISTO, 2011, p. 101). O diferencial desta gravidez está no fato do companheiro de Saura, Amarantino, assumir a paternidade de Idália, sua primeira filha. "Quando fomos registrar o pequeno Maurino, Idália já tinha no registro o nome do pai. Sim, o sobrenome daquele que chegou, quanto a menina já ia completar cinco anos." (EVARISTO, 2011, p. 101). Neste caso, a paternidade presente no conto de Conceição Evaristo possui mais de uma fase. Temos o "abandono" do pai de Idália e em sequência o pai de Maurino não assume apenas o filho legítimo, mas registra também a filha que Saura já tinha.

A relação da paternidade presente nos dois contos apresentam ainda outras diferenças. Saura ainda engravidou pela terceira vez. Como cada filho e filha da personagem tem um pai diferente, as histórias paternas são também diferentes. Na terceira gravidez, após a morte de Amarantino, a relação de Saura com seu pai volta a marcar presença no conto.

O fato de eu ter tido um namoro rápido com um colega dos meus tempos de juventude despertou uma série de julgamentos contra mim. Do meu pai, foi o primeiro. Relembrando de quando engravidei pela primeira vez, ainda quase menina, ele me cobrou o pudor que eu deveria ter por ser uma mulher viúva. E deixou de falar comigo quando a terceira gravidez já me acusava no corpo, que começava a se arredondar. (EVARISTO, 2011, p. 101).

Essa terceira gravidez de Saura traz consequências acerca da relação dela com seu pai que, pela segunda vez, a rejeita por estar grávida. Essas rejeições do pai de Saura se assemelham à rejeição do pai de Maria. O "abandono" paterno da filha de Maria se aproxima do "abandono" pelo pai de Idália. Entretanto, a terceira gravidez de Saura gera o abandono materno, o que acarreta, ao longo do conto, julgamentos morais que não se fizeram presentes quando os pais ameaçaram e/ou abandonaram suas filhas.

5. Amor

A relação das personagens com o amor está presente tanto em relação ao sentimento materno quanto ao sentimento pelos companheiros. Maria, ao ser expulsa de casa com uma filha recém-nascida, sai em busca do homem que a deixara e, a caminho de Johannesburg, inicia uma busca pelo homem que fugiu quando ainda estava grávida. No desenrolar da história, a personagem pouco cita o pai da menina, mas, em algumas passagens é possível inferir a existência de um sentimento de amor por este homem. "Como uma pena voando ao vento, balancei de poiso em poiso, contornando vilas, cidades, até alcançar o objetivo de minha aventura: o meu homem!" (CHIZIANE, 2000, p. 366).

Neste trecho que aparece já ao final da história de Maria, é possível perceber a existência de um sentimento motivador que a faz sair em busca da felicidade e do homem que ama. "Conheci a verdadeira felicidade ao lado do meu marido." (CHIZIANE, 2000, p. 366). Paulina Chiziane traz o amor como uma cicatriz presente na vida de Maria que, ao final do conto, se manifesta na forma de lágrimas, após a personagem falar do encontro com a felicidade e, em seguida, finalizar a sua história. "As cicatrizes do amor rasgaram as crostas e jorraram um líquido sangue que escorre pelas curvas das tuas pálpebras." (CHIZIANE, 2000, p. 367).

No caso de Maria, o amor pela filha à fez intentar em cometer um crime, enquanto o amor pelo seu homem à fez seguir em uma jornada permeada de amor, aventura, medo, desespero. Assim como Maria, Saura também se sente feliz ao lado do homem que ama. "Eu também dançava feliz no jogo conjugal de Amarantino sobre mim. A vida nos permitiu sermos felizes por onze anos. Um dia, repentinamente, ele adoeceu e se foi." (EVARISTO, 2011, p. 101). No caso de Saura esse amor surge e a deixa, já com Maria acontece o contrário, o amor a deixa e depois há o reencontro.

Saura afirma, sem deixar dúvidas, amar a filha e o filho que teve. "Dos três filhos que tive, duas meninas e um menino, meu coração abrigou somente dois. A menina mais velha e o menino." (EVARISTO, 2011, p. 99). Em relação ao amor por Amarantino, a filha caçula surge como uma intromissão no amor e na lembrança que

Saura tinha pelo homem amado. "A terceira gravidez comprovava que outro corpo havia dançado sobre o meu, rasurando uma imagem que, até aquele momento, me parecia tão nítida." (EVARISTO, 2011, p. 102).

Ambas as personagens apresentam em suas narrativas o amor materno e o amor entre um homem e uma mulher. Porém, o amor de Saura pela terceira filha fica entre o amor por Amarantino e o namoro rápido com o ex-colega de infância. Dessa forma, a terceira filha não pode ser amada por representar uma rasura no amor de Saura por seu marido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alcançar a igualdade de direitos é converter-se em um ser humano pleno e cheio de possibilidades e oportunidades para além de sua condição de raça e de gênero.

(Suely Carneiro)

As representações da mulher negra, nos contos analisados, apresentam semelhanças e distanciamentos que podem ser observados desde as características das escritoras, Conceição Evaristo e Paulina Chiziane, até as produções das mesmas. As aproximações estão, ainda, nas relações sociais e morais estabelecidas nos países do contexto de produção das obras. "Saura Amarantino" e "Cicatrices do amor" são duas obras que representam trajetórias semelhantes na vida das personagens principais.

Os valores atribuídos aos gêneros constituem uma parte significativa dos contos. Bem como os valores sociais em uma perspectiva de analisar as posições ocupadas pela mulher afro-brasileira e moçambicana, no contexto da maternidade. As narrativas das autoras proporcionam uma leitura que nos faz contextualizar as possíveis cumplicidades femininas presentes, o que possibilitou uma leitura para além das problemáticas presentes e contribuiu na atribuição de significações aos elementos apresentados nos contos.

Conceição Evaristo e Paulina Chiziane refletem, na perspectiva da identidade¹⁴, duas mulheres negras de sociedades diferentes que utilizam da escrita também para representar as construções identitárias a partir do contexto social em que vivem. As

¹⁴ A noção de identidade é abordada por diversas áreas do conhecimento. Portanto, podemos tratar de vários tipos de identidade. No tocante à identidade racial ou étnica, o importante é perceber os seus processos de construção, que podem ser lentos ou rápidos e tendem a ser duradouros. É necessário estar atento aos elementos negativos, como os estereótipos e as situações de discriminação. Além disso, é necessário ater-se à vontade de reconhecimento das identidades étnicas, raciais de gênero dos indivíduos e dos grupos. Também é preciso compreender que, no mundo contemporâneo, os indivíduos constroem e portam várias identidades (sociais, étnicas e raciais, de faixa etária, gênero e orientação sexual e outros) (SECAD/MEC, 2006, p. 219-220).

autoras afirmam como dito anteriormente, que a trajetória individual, a subjetividade, interfere no processo de escrita. Este foi, sem dúvida, um dos estímulos para a escolha do *corpus* desse trabalho.

No tocante à identidade, Neuza Santos Souza, em seu livro "Tornar-se negro ou As vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social", afirma: "Uma das formas de exercer autonomia é possuir um discurso sobre si mesmo. Discurso que se faz muito mais significativo quanto mais fundamentado no conhecimento concreto da realidade" (SOUZA, 1983, p. 17). A partir desta fala, é possível fazer uma referência à Maria, personagem de Paulina Chiziane e Saura Amarantino, de Conceição Evaristo, pois as duas são detentoras do discurso que relata a própria história. São personagens femininas que falam em primeira pessoa. Apesar de todo contexto histórico e social aos quais estão inseridas, as histórias de suas vidas são contadas por elas mesmas.

A escritora nigeriana Chimamanda Adichie, em sua palestra "*The Danger of a Single Story*", disponível na página do TED, fala acerca dos "Perigos de uma história única", o que nos faz recordar a (pré)destinação das mulheres, apresentada nos contos analisados e arraigada nas estruturas sociais. Adichie diz:

Histórias podem ser usadas para capacitar e humanizar. Histórias podem destruir a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade perdida [...] Quando rejeitamos uma única história, quando percebemos que não há uma única história, sobre nenhum lugar, nós reconquistamos um tipo de paraíso. (ADICHIE [20--?]. Tradução nossa).

Por meio da fala de Chimamanda Adichie podemos fazer considerações tanto em relação ao conteúdo dos contos analisados, quanto em relação à aspectos literários referentes à produções de mulheres negras em diferentes países. Quando Adichie diz que "histórias podem reparar a dignidade perdida", é possível pensar no contexto de representação de Maria. Após a personagem "confessar" toda sua história¹⁵, há um sentimento de alívio. Por mais que a personagem tenha cicatrizes de sua trajetória, sua

¹⁵ A história pode ser realizada e compreendida de várias formas: escrita, oral, quantitativa, econômica, cultural, social. A concepção de história vem sendo ampliada e relativizada com a história dos grupos socialmente subalternos e discriminados que já foram considerados "povos sem história". Como área do conhecimento tem teorias e métodos próprios. Profissionais desse campo têm se voltado para a história da África e da população negra na diáspora (SECAD/MEC, 2006, p. 219).

filha, que antes não sabia de nada, toma conhecimento de uma história que também é dela. Ao mesmo tempo, Maria faz de sua história uma tentativa de mostrar para as pessoas naquela roda de conversa que cada história tem um sentido de assim ser: "(...) cada nascimento tem uma história, cada ação uma razão" (CHIZIANE, 2000, p. 362). Quando a personagem diz que cada nascimento tem uma história, podemos relacionar essa fala com o que Adichie diz sobre os perigos de uma história única, ou seja, cada pessoa tem várias histórias que se configuram a partir das vivências.

Saura Amarantino também está inserida na fala da escritora nigeriana. A história única destinada para as mulheres é confrontada por Saura quando esta mãe decide, conscientemente e por vontade própria, abandonar sentimentalmente e fisicamente, como mencionado ao longo do deste trabalho, sua filha. Saura vai contra estruturais sociais e morais que afirmam que o dever da mãe é cuidar da casa e dos(as) filhos(as). O objetivo aqui não é defender a postura de Saura ou o abandono, e sim fazer uma análise dos contextos sociais em as histórias são denroladas. Chimamanda Adichie ainda diz: "Histórias importam, muitas histórias importam" (ADICHIE, tradução nossa). Dessa forma, a história de Saura importa e tem razões para assim ser, seja de forma positiva ou não. Bem como a história de Maria e toda a trajetória de vida dessas mulheres, mães, filhas e amantes.

A representação literária estabelecida a partir de Saura Amarantino e Maria, como personagens, e de Conceição Evaristo e Paulina Chiziane, como mulheres, autoras e escritoras, inseridas no ambiente literário, possibilitaram uma leitura crítica a respeito das construções femininas estabelecidas historicamente, bem como o questionamento em relação às subjetividades construídas para as mulheres. A literatura proporciona diversas análises que envolvem desde as práticas sociais vigentes em determinada cultura até a representação de gênero, grupo social, sociedade e/ou outras formas de existir e construiu identidades. Susana Funck afirma que "cada indivíduo é um constante tornar-se", ou seja, a subjetividade de cada pessoa não pode ser ignorada e limitada a um determinado comportamento social previamente estabelecido, e as transformações fazem parte do processo de construção da identidade dos homens e das mulheres enquanto sujeitos históricos.

BIBLIOGRAFIAS

Corpus

CHIZIANE, Paulina. Cicatrizes do Amor. In: **As mãos dos pretos**. Antologia do conto Moçambicano. Org. Nelson Saúte. Publicações Dom Quixote, 2000.

EVARISTO, Conceição. Saura Amarantino. In: **Insubmissas Lágrimas de Mulher**. Belo Horizonte. Nandyala, 2011.

Referencial Teórico

ABREU, Ana Francisco Sendela Sengo; HEDGES, David. **O reajustamento estrutural e seu impacto em Moçambique (1982- 1997)**: Uma abordagem histórica, 1999. Disponível em: <http://www.saber.ac.mz/handle/10857/965>. Acesso em: 09. jul. 2014.

ADICHIE. Chimamanda. **The Danger of a Single Story**. Ted Talk Show, Sapling Foundation, Vancouver, Canadá. Disponível em: http://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story.html. (sabemos tratar-se do século XXI, mas não temos certeza, por isso indicamos [20--?]). Acesso em: 07 julho 2014.

BAIRROS, Luiza. **Nossos feminismos revisitados**. Disponível em: <<http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/10112009-123548bairros.pdf>>. Acesso em: 07 abril. 2014.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 2004, p. 169-191.

CARREIRA, Shirley de Souza Gomes. **Palavra, Gênero e Poder: A Voz Feminina Por Detrás da Pena**. **Cerrados** (UnB), v. 1, p. 339- 359, 2011. Disponível em: <http://seer.bce.unb.br/index.php/cerrados>. Acesso em: 09 jul. 2014.

CARNEIRO, Suely. **Mulher Negra**. São Paulo: CADERNO GELEDÉS 4. Mulher negra. São Paulo : 1993.

_____ **Enegrecer o feminismo:** a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. Disponível em: <http://www.unifem.org.br/sites/700/710/00000690.pdf>. Acesso em: 10. jul. 2014.

CHIZIANE, Paulina. **Eu, mulher...** Por uma nova visão do mundo. In: Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF. Niterói: NEPA/UFF, Vol. 5, nº 10, Abril de 2013. Semestral > Disponível em: <http://www.uff.br/nepa>. Acesso em: 18. abril. 2014.

DRUMONT, M.P. **Elementos para uma análise do machismo.** São Paulo, Perspectiva, 1980.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade.** In: SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 13-31, 2º sem. 2009.

FAÉ, Geneviève/ ZINANI, Cecil Jeanine Albert. **Maternidade em As Parceiras, de Lya Luft: Destino Cultural Feminino.** *Cerrados* (UnB. Impresso), v. 1, p. 213- 227, 2011. Disponível em: <http://seer.bce.unb.br/index.php/cerrados>. Acesso em: 09 jul. 2014.

FUNCK, Susana Bornéo. O que é uma mulher? **Cerrados** (UnB.), v. 1, p. 63-74, 2011. Disponível em: <http://seer.bce.unb.br/index.php/cerrados/article/view/8265/6262>. Acesso em: 09 jul. 2014.

GOMES, Nilma Lino. **A mulher negra que vi de perto.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995.

_____ **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão.** In: Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03/ Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

HOUAISS, Antonio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa.** 200-. Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br/gramatica.jhtm>. Acesso em: 02 jul. 2014.

MARRECO, Maria Inês de Moraes. Conceição Evaristo e Paulina Chiziane: A Circularidade da Vitimização da Mulher. In: **Anais do XIV Seminários Nacional Mulher e Literatura / V Seminários Internacional Mulher e Literatura.** Brasília, v. 1, n. 1, 2011.

ROBEIRO, Margarida Calafate. MENESES, Maria Paula de(Org.) **Moçambique: das palavras escritas.** Edições Afrontamento, 2008.

SECCO, Carmem Lúcia Tindó Ribeiro. MIRANDA, Maria Geralda de(Org.) **Paulina Chiziane: vozes e rostos femininos de Moçambique.** Appris, 2013.

WERNECK, Jurema. **A era da inocência acabou, já foi tarde.** In: Racismos Contemporâneos\ organização: Ashoka Empreendedores Soares e Takano Cidadania, Rio de Janeiro: Takano Ed., 2003.

_____ (org). **Mulheres Negras.** Um olhar sobre as lutas sociais e as políticas públicas no Brasil. Disponível em:< <http://www.criola.org.br/publicacoes.htm>>. Acesso em: 11 abril. 2014.

_____ **Mulheres negras na primeira pessoa.** In: WERNECK, Jurema; IRACI, Nilza; CRUZ, Simone (Org.) Porto Alegre: Redes Editora, 2012.